

FORMAÇÃO CIDADÃ *VERSUS* INDISCIPLINA ESCOLAR: OUTRO OLHAR PARA NOVAS ATITUDES

Luciana Silva dos SANTOS*
Erivânia Faustino de LIMA**
Maria das Dores de Oliveira do MONTE***

RESUMO

O presente artigo visa apresentar as percepções de alunos e professores acerca dos fatores que corroboram para o aumento dos casos de depredação da escola relacionados à indisciplina, ao sentimento de pertencimento escolar e, ao mesmo tempo, aponta as tentativas pedagógicas da instituição para a formação de um cidadão crítico, participativo e ecologicamente responsável pelo ambiente em que vive. O trabalho foi realizado com a participação de alunos com distorção idade-série das turmas de Progressão Gradual (PG) e professores do diurno numa escola pública da rede estadual, em Maceió. A pesquisa foi realizada em quatro momentos distintos: (1) o convite aos alunos considerados mais indisciplinados, tanto em sala como em relação à conservação do ambiente escolar; (2) a apresentação da proposta de estudo e levantamento fotográfico (3) a aplicação de um questionário com alunos e professores e (4) elaboração de um plano de ação como tentativa de envolver a comunidade escolar na resolução dos pontos considerados mais graves pelos alunos. Constatou-se que os discentes reconhecem a importância da escola para sua vida, ao mesmo tempo em que os professores atribuem à falta de educação doméstica como principal condicionante para os casos de descuido com a escola. Considera-se que esse estudo possibilita a reflexão do aluno, do professor e da atuação da escola na efetiva formação cidadã, que liberta e revoluciona.

Palavras-chave: Depredação, Indisciplina, Formação Cidadã.

INTRODUÇÃO

* Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, pós-graduada em Tecnologia em Educação (PUC-Rio) e Professora das redes Pública Estadual e Municipal em Maceió E-mail: lsantos070@gmail.com.br

** Graduada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas- UFAL, pós-graduação em Formação do Professor para o ensino de Língua Portuguesa e Professora da rede Pública Estadual de Ensino em Maceió. E-mail : erifaustino@gmail.com.br

*** Graduada em Letras - Centro Ensino Superior de Maceió – CESMAC, e professora da rede Pública Estadual de Ensino em Maceió. E-mail: mddoresoliveira@hotmail.com

O tema escolhido para este artigo versa sobre a formação escolar e as questões que permeiam o aumento significativo da depredação patrimonial de uma escola pública da rede estadual, na cidade de Maceió, ao mesmo tempo em que busca inserir nesse processo de estudo/reflexão os alunos considerados pelo corpo docente como os que mais se envolvem em episódios de indisciplina. A escolha do assunto partiu da observação do descuido com a manutenção de um ambiente limpo e organizado por parte dos alunos e, sobretudo da constatação de que estes pouco se incomodavam com essa realidade.

Embora a escola tenha como proposta uma formação para cidadania, muitos casos de pichações, quebra de mobiliário, a retirada da fórmica que reveste a lousa, o lixo depositado em vários ambientes do prédio, pode refletir a fragilidade das ações pedagógicas que buscam conscientizar o alunado para atitudes mais positivas em relação à escola. Um dos entraves é a indisciplina que, no caso da escola objeto da pesquisa, é mais frequente no turno matutino e na maioria dos casos, envolvendo os alunos alocados nas turmas com distorção idade-série (PG). Entenda-se indisciplina num conceito mais amplo, algo que desestabiliza as aulas, destrói o patrimônio público, incomoda os professores, os colegas, interfere no aprendizado e, sobretudo, condiciona a escola a uma postura de exclusão dos alunos com “fracasso escolar”.

Pode-se dizer, portanto, que o problema da indisciplina na escola tem como seu principal determinante as concepções e representações dos professores, o que acarreta implicações para as suas respectivas práticas pedagógicas, que incluem o trabalho com os conteúdos, os procedimentos de ensino e a relação professor-aluno, entre outros aspectos. (PIROLA e FERREIRA, 2007.p.89)

Assim, compreende-se a função social da escola, naquilo que se refere à formação de indivíduos cada vez mais atuantes, democráticos e críticos, porque se percebem (ou não) como parte determinante em todo processo de transformação, em qualquer que seja a dimensão da sociedade. Surge a necessidade de oportunizar aos alunos e professores momentos de reflexão sobre essas questões. Para CIVIATA (apud Benette e Costa, 2008 p 19)

A escola pública deve oportunizar o acesso ao conhecimento crítico e reflexivo, ultrapassando o nível do senso comum, possibilitando aos alunos a formação de uma consciência mais democrática, ou seja, menos competitiva e consumista propagada pela sociedade capitalista e que acaba por alienar o indivíduo, ajustando-o aos interesses do mercado. Os conteúdos escolares é a matéria-prima da escola e devem estar bem definidos na sua proposta pedagógica.

A escola deve assumir uma postura de formação ampla e não se acomodar em ser transferidora de conteúdos, mas, sobretudo, formar cidadãos capazes de se desenvolver socialmente e criticamente dentro de uma sociedade. Para desempenhar o seu papel na formação do sujeito e na construção da sua própria identidade necessita formar para a vida reforçando os valores que são alicerçados por outra instituição:

É possível que a família possa colaborar para a contenção da indisciplina na escola, mas para que isto aconteça, é preciso que seja resgatada a prática do diálogo no ambiente familiar, a prática de participação efetiva dos pais na vida escolar dos filhos, indo às reuniões escolares procurando saber da vida dos filhos, suas angústias, seus temores, suas conquistas, bem como suas expectativas e possibilidades de realização com relação ao futuro (...)
(BENETTE e COSTA, 2008. p. 9)

Reforça-se com isso, que a função de educar não é exclusividade da escola, a família é a base para a formação de caráter do indivíduo, ambas devem dialogar e reforçar seus papéis sem equívocos ou inversões.

A indisciplina tem sido um dos maiores desafios encontrados pelos professores, no desenvolvimento do seu trabalho pedagógico, muitos apontam que a falta de disciplina e omissão da família contribuem para o baixo rendimento escolar.

De acordo com Silva (2001, p.9), “a indisciplina nos remete para a violação de normas estabelecidas o que, em contexto escolar, impede ou dificulta o decorrer do processo de ensino-aprendizagem”. A autora considera o cumprimento das regras, um fator decisivo para o êxito do trabalho docente.

Diante desta realidade, percebe-se a necessidade de um enfrentamento focado numa ampliação da participação deste aluno-problema, do professor, colaboradores, gestores e pais nas ações pedagógicas direcionadas a melhorar o ambiente de convivência para todos.

O objetivo principal desse trabalho foi ouvir esses atores diretamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem ao mesmo tempo instigar os alunos a protagonizar um estudo para subsidiar sugestões, num primeiro momento, que pudessem melhorar a conservação da escola e também inseri-los nesse processo de educação ambiental mais próxima das suas realidades.

FORMANDO PARA UM AMBIENTE MAIS SAUDÁVEL

A escola onde foi realizado o estudo está localizada num bairro da periferia de Maceió, atende aproximadamente 1600 alunos, distribuídos nos três turnos e oferta as

três modalidades de ensino: Fundamental I, Ensino Médio e Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJA. O prédio dispõe de 15 salas de aulas, um laboratório de Ciências, um laboratório de Informática, um laboratório de Matemática, biblioteca, banheiros disponibilizados apenas no térreo, um ginásio poliesportivo anexo à escola, áreas administrativas e de convivência.

A equipe gestora é composta por três Diretoras, a geral e duas adjuntas. A equipe pedagógica dispõe de três Coordenadores pedagógicos e um Articulador de Ensino. No período vespertino, conta-se com o apoio de uma funcionária no acompanhamento dos alunos, monitorando a disciplina e os casos de entorpecentes, que ocorrem com mais frequência nesse horário. Além dos professores efetivos e contratados.

As tentativas de projetos pedagógicos que buscaram minimizar o ritmo da destruição da escola e iniciar um processo de Educação Ambiental (EA) atingiram parcialmente seus objetivos, apenas, no período de execução do projeto. Geralmente a proposta para uma mudança tão significativa vem através de gincanas, o que numa análise feita com maior acuidade, tem efeitos pontual e temporário. Em outras palavras, a ação transforma-se em um instrumento avaliativo, onde no final do bimestre será atribuída ao aluno participante uma nota. A adesão à proposta é máxima, mas os resultados posteriores são ínfimos e\ou até imperceptíveis.

Algumas discussões foram promovidas nesse sentido e é unânime a ideia de que a proposta pedagógica deva contemplar o compromisso com a mudança de atitudes, mas que esse processo seja contínuo e distante de qualquer proposta autoritária e excludente. Caso contrário, serão apenas ações sazonais sem maiores representatividades. Nesse sentido, Almeida (2015, p. 93) defende que “[...] a prática da EA tenha como base questões ligadas ao cotidiano do sujeito e da comunidade na qual está inserido para que, dessa forma, se possibilite a formação de um cidadão capaz de pensar e repensar o mundo, a si mesmo e as relações com os outros”.

Ratificando esse pensamento e considerando as percepções acerca da relação entre depredação e indisciplina no contexto escolar, organizou-se a pesquisa (provocação) em três momentos distintos:

1. **Primeiro momento:** Os alunos das turmas PG3 A e B foram convidados pelas professoras idealizadoras da ação a compor um grupo de pesquisa com objetivo de identificar, sob a ótica dos alunos, o que poderia ser feito para

melhorar a conservação do ambiente escolar. Para surpresa da equipe de docentes cerca de quinze alunos se propuseram a participar do estudo, mas no horário da reunião apenas dois alunos das PG's compareceram e convidaram outros seis alunos do 8º ano A. Fomos informadas de que as turmas haviam sido liberadas mais cedo.

2. **Orientações da ação e o levantamento fotográfico:** Nesse momento, a conversa foi sobre os registros que eles fariam sobre as condições da escola e que buscassem fotografar ações que representassem alguma insegurança e também atos de destruição e/ou a não manutenção de um ambiente limpo e conservado.

Os alunos se organizaram em dois grupos e levaram cerca de trinta minutos para concluir a atividade proposta.



Figura 1. Lixo nos canteiros.



Figura 2. Mobiliário quebrado.



Figura 3. Pichações.



Figura 4. Ausência de ventiladores.
Fonte: Alunos

3. **Dando vozes a professores e alunos:** As perguntas que nortearam a pesquisa de opinião do grupo de vinte professores, versavam sobre (1) a

opinião dos professores sobre a depredação/conservação da escola como reflexo da indisciplina dos alunos, (2) os pontos fortes da escola, (3) os pontos fracos e (4) se consideravam a escola um ambiente favorável à formação de um cidadão crítico e comprometido com o meio em que convivem. No grupo dos alunos as indagações foram sobre (1) a importância da contribuição da escola na sua formação intelectual e cidadã (2) os pontos fortes da escola, o que mais gostavam (3) os pontos fracos, o que menos gostavam na escola (4) a opinião sobre a responsabilidade de todos em manter o ambiente limpo e conservado e (5) se eles se consideravam parte importante da escola.

Na primeira pergunta, buscou-se identificar a percepção dos professores sobre a relação da indisciplina e o aumento significativo dos casos de depredação, nesse sentido a maioria dos entrevistados disseram que “sim”. Apenas um professor disse “não acreditar nessa relação e apontou que todos são responsáveis e não apenas os alunos indisciplinados”. Em relação aos pontos fortes, tanto os alunos como os professores concordaram que “os momentos de aprendizagem (aulas) e as relações interpessoais são os aspectos que mais gostam na escola”. Sobre os pontos fracos, apontaram “a insegurança e a conservação da escola”.

Sem exceção, os dois grupos também concordaram sobre a responsabilidade de todos com a manutenção saudável da escola. Quando questionados sobre a importância da escola na formação intelectual e cidadã, apenas um aluno respondeu “considerar indiferente”.

4. **Sugerindo soluções:** Esse foi um dos momentos mais esperados pela equipe das professoras pesquisadoras, visto que a proposta para essa etapa consistia na elaboração de um plano de ação com sugestões que contemplasse o envolvimento de toda a comunidade escolar.

O grupo de alunos elencou como prioridade a ausência de lixeiras na maioria das salas de aula, a subutilização das lixeiras seletivas, dispostas no pátio central da escola, por parte dos alunos. Nesse caso específico os alunos sugeriram uma campanha de conscientização e a confecção de lixeiras com material reutilizáveis.

Sobre a quantidade de lixo depositados em vários espaços da escola e que representam possíveis criadouros de mosquitos vetores de doenças como a dengue, zika e *Chikungunya*, os alunos sugeriram um mutirão de limpeza. Sobre os entulhos, apenas a remoção e para as pichações nas paredes, a sugestão foi renovar a pintura.

Indagamos se essas ações representariam a solução para esses problemas que foram apontadas no estudo fotográfico, eles pensaram e disseram que se todos se envolvessem e mudassem de atitudes, sim. A escola seria bem mais limpa e cuidada por todos.

O objetivo nessa etapa foi alcançado com êxito, a provocação foi feita, as vozes devidamente ouvidas e o caminho para novos olhares para a questão da indisciplina e a formação de um indivíduo com atitudes ambientalmente sustentáveis, iniciados.

O “ALUNO INDISCIPLINADO”: OUTROS OLHARES

Ao reconhecer-se como parte importante da escola o aluno tem consciência que pode interferir no cotidiano escolar de diferentes formas. Estereótipos negativos em nada contribuem com o avanço no desenvolvimento cognitivo e na tomada de consciência do sujeito. É fundamental acreditar e estabelecer laços afetivos que possam aproximar aluno-professor, aluno-escola, professor-escola e escola-comunidade. Segundo Freire (1996, p.66), “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Não se concebe, por isso, a isenção desta instituição ou, sequer, a flexibilização no que se refere às mudanças de atitudes.

A convivência escolar, para ser satisfatória, exige regras e normas pedagógicas, e a forma como elas estão diluídas na relação pedagógica podem possibilitar ou esvaziar o processo de ensino- aprendizagem.

A indisciplina no contexto escolar pode também estar relacionada ao desconhecimento das regras de conduta adotadas pela escola, para o cumprimento do seu papel ou até mesmo a flexibilidade de aplicar as sanções disciplinares de forma imparcial.

A formação cidadã consciente de suas interferências no meio ambiente e na sociedade perpassa por um processo de a escola repensar suas práticas pedagógicas considerando cada sujeito individualmente. Na visão de Almeida, “(...) a prática da EA no espaço escolar não é compromisso apenas dos docentes, mas de todos os que fazem a escola” (2011, p. 96). É comum, infelizmente, considerar que a limpeza das salas, dos pátios, das escadas, enfim da escola seja obrigação exclusiva da equipe de serviços gerais.

Outro aspecto a ser considerado é o fato de se classificar o aluno como um entrave ao ideal de escola pública, alunos indisciplinados existirão sempre, cabe à escola repensar suas estratégias e sua forma de lidar com a indisciplina como uma aliada no processo de educação emancipatória.

CONCLUSÃO

É da escola a função de formar amplamente o aluno, zelando por princípios de convivência pacífica entre os sujeitos. Respeitando cada ser em suas especificidades, sua cultura e seus conhecimentos prévios. Acatando esses pressupostos e acreditando numa escola pública que verdadeiramente oportuniza mudança e crescimento individual, numa escola que prioriza a formação humana e cognitiva, recomenda-se, a partir desse estudo, novas ações na instituição voltadas para o fortalecimento da sua proposta político-pedagógica. Ao mesmo tempo em que ressalta a necessidade de atribuir responsabilidades aos alunos, que por ora “destroem” a escola numa perspectiva de reconstrução e valorização do indivíduo.

Conclui-se a primeira etapa deste estudo, mas não se finaliza, pois diante das discussões e indagações acerca do tema proposto e das sugestões trazidas pelos alunos, pretende-se, numa segunda fase, construir um plano de intervenção ambiental para a escola, com objetivo de resolver todos os pontos levantados pela equipe de estudantes e professores envolvidos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jacqueline Praxedes de. **Educação Ambiental: história e formação docente.** —Maceió: EDUFAL, 2011. 201p

BENETTE, Tereza Sanchez e COSTA, Leila Pessoa da. Indisciplina na sala de aula: algumas reflexões. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2186-8.pdf> Acesso em 9/06/2017, às 21h30min.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. — São Paulo: Paz e Terra, 1996. — (coleção Leitura)

PIROLA, Sandra Mara Fulco e FERREIRA, Maria Cecília Carareto. **O problema da “indisciplina dos alunos”: um olhar para as práticas pedagógicas cotidianas na perspectiva de formação continuada de professores.** Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1489>>. Acesso em 8/06/2017, às .

SILVA, M. L. F. **Indisciplina na aula: um problema dos nossos dias.** Porto: Asa, 2001.